

Dólar supera R\$5,05 e Banco Central fará intervenção no mercado de câmbio

Mercados Em ambiente de pressão externa e vencimento de NTN-As, autarquia irá ofertar o equivalente a US\$ 1 bilhão em swap cambial

Dólar sobe a R\$ 5,05 e leva BC a anunciar intervenção no câmbio

Arthur Cagliari e Victor Rezende
De São Paulo

Asensação de que o cenário permitia uma valorização relevante do câmbio doméstico perdeu força. Em um dia no qual o dólar subiu ao redor do globo, o real esteve na lista das moedas que mais sofreram, com o dólar seguindo firme acima de R\$ 5, no maior patamar desde outubro. A pressão sobre a divisa brasileira foi majoritariamente externa, diante da pujança renovada da economia dos EUA. Fatores domésticos, porém, também tiveram peso, com a proximidade do vencimento de títulos atrelados à variação do dólar (NTN-As), o que levou o Banco Central (BC) a anunciar a primeira intervenção no mercado de câmbio desde dezembro de 2022.

Logo após o fechamento dos mercados, a autoridade monetária informou que fará, às 12h30, um leilão extraordinário de até 20 mil contratos de swap cambial, o equivalente a US\$ 1 bilhão. Será a primeira oferta de swap cambial desde maio de 2022. A ação marcou, ainda, o fim de um dia tenso nos mercados. O dólar encerra a sessão de ontem em alta de 0,87%, negociado a R\$ 5,0591, no maior nível desde outubro, após ter ido a R\$ 5,0704 na máxima do dia.

O movimento global foi determinante para a pressão sobre o câmbio. O processo de reprecificação dos juros americanos ganhou novos contornos, após declarações diárias de dois dirigentes do Federal Reserve (Fed, banco central americano) na semana passada: o diretor Christopher Waller e o presidente Jerome Powell. Na medida em que o mercado empurra ainda mais para frente o início de um ciclo de cortes de juros nos EUA, o dólar se fortalece.

O real, porém, se destacou negativamente na sessão de ontem. Entre as moedas da América Latina, a divisa brasileira ficou na lanterna. O dólar subiu 0,42% ante o peso mexicano; 0,58% em relação ao peso chileno; e 0,04% frente ao peso colombiano. Nas moedas mais líquidas do mundo, somente a lira turca conseguiu seguir em alta.

Ontem, em particular, o índice de atividade do setor industrial dos EUA assistiu os investidores, ao subir de 47,8 pontos em fevereiro para 50,3 em março e alcançar, assim, um nível que indica expansão pela primeira vez desde setembro de 2022. Além disso, o subíndice de preços subiu de 52,5 para

55,8 pontos, o que pode indicar um cenário de pressões inflacionárias mais intensas no setor, o que acendeu o sinal amarelo entre os participantes do mercado.

"Até então, esses preços estavam mais comportados. Além disso, o Fed vem colocando bastante peso nos dados de inflação como condicionantes para suas ações futuras, no caso, em um possível corte de juros", observa Marcel Yagui, gestor de media da BlueLine Asset.

O mercado, diz, começou a colocar em dúvida o início da redução dos juros em junho, o que era tido como algo bastante provável de ocorrer. De acordo com o CME Group no fechamento de ontem, os futuros dos Fed funds indicavam 58,8% de chance de uma redução nos juros em junho e 41,6% de probabilidade de o ciclo de flexibilização só começar depois.

"É inegável a relevância desse dado diante do recente contexto de falas mais conservadoras do Fed. O movimento só poderia ser de juros para cima e dólar mais forte", avalia Yagui. A BlueLine, nesse contexto, reduziu posições compradas (que apostam na valorização) no real.

Embora determinantes para a dinâmica da sessão, os setores externos não foram os únicos que influenciaram o comportamento do câmbio. Participantes do mercado já vinham apontando nas últimas semanas que o vencimento de NTN-As poderiam gerar algum estresse na taxa de câmbio, embora não apostassem em uma atuação extraordinária do Banco Central.

"Tenho a impressão de que a ideia inicial [do BC] seria deixar o mercado absorver esse vencimento, que é relevante, mas não é gigante. Porém, com o ambiente externo mais adverso pressionando o real, optaram por mitigar o potencial impacto adicional sobre o câmbio decorrente do vencimento da NTN-A7", avalia o estrategista-chefe da Warren Investments, Sérgio Goldenstein.

A liquidação dos papéis, em 15 de abril, deve criar uma demanda pela moeda americana em torno de US\$ 3,7 bilhões, o que já havia

aumentado entre os agentes a percepção de que neste início de abril o câmbio poderia ter um comportamento mais instável. Da mínima à máxima do dia na sessão de ontem, o dólar oscilou mais de R\$ 0,06, nível que não era visto nos pregos mais recentes.

"São títulos originários do processo de troca de dívida externa por dívida interna", explica Goldenstein, que é chefe do Departamento de Mercado Aberto (Demab) do BC. "É uma pressão cambial, sem dúvida, porque é improvável que o Tesouro vá rolar esses títulos", afirma. "Quem tem essa posição está comprado em dólar. No vencimento do papel, a instituição que estava comprada deixa de estar. Se essa instituição quiser continuar a manter sua posição comprada, teria de retornar ao mercado [para poder comprar mais dólares]".

Alguns operadores chegaram a apontar que a pressão poderia não ser tão grande, já que os títulos poderiam estar protegidos com algum "hedge". Goldenstein, no entanto, lembra que é preciso separar o que é Banco Central e Tesouro e o que é o setor privado e nota que o processo ainda pode pressionar o câmbio. "Se teve hedge, alguém do mercado tem que conceder, então fica dentro do mercado", diz.

Na visão do economista-chefe do Banco Pine, Cristiano Oliveira, o BC agiu corretamente, já que o vencimento de NTN-A adiciona distorção ao mercado cambial, que já tem sofrido com o impacto das incertezas em torno da política monetária dos EUA. "Os fatores domésticos não apontam para uma desvalorização do real. O BC deve monitorar o mercado atentamente até o vencimento e, se necessário, ofertar mais swap. O real deprecia mais que os pares hoje por conta desse fator", diz.

A avaliação de parte dos agentes financeiros casa com a visão de Oliveira em relação aos fundamentos domésticos, que indicariam espaço para uma apreciação da moeda brasileira. Essa percepção se mostrou bastante relevante na virada do ano, mas as sucessivas frustrações com a dinâmica do câmbio têm provocado uma "limpeza" no lado técnico, com redução de posições otimistas com o real.

Entre os investidores estrangeiros, a posição comprada (aposta na alta) em dólar via derivativos (dólar futuro, swap cambial, dólar mini e cupom cambial) atingiu máxima histórica na sexta-feira passada, ao subir para US\$ 58,44 bilhões, já o investidor local segue vendido (aposta na queda) em dólar contra o real no total de US\$ 13,3 bilhões.

A Occam segue com posições que apostam em uma valorização do real à frente, diante do carregamento positivo e de contas externas "sem sobresaltos", disse Fernando Clibante, gestor de moedas da casa em "call" mensal ontem. "E, no mês passado, o fator técnico melhorou bastante. A despeito da piora que vimos ao longo de março do real, achamos que muito tem a ver com o cenário externo, do dólar em geral, que foi mais forte", afirmou.

20 mil contratos de swap, ou US\$ 1 bi, serão leiloados pelo BC

De volta aos R\$ 5
Evolução da taxa de câmbio (R\$/US\$)



Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Finanças Caderno: C Pagina: 1